

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS – CCT
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

CRISTIANE OLSKA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM PANORAMA A PARTIR DE HISTÓRIAS
DE VIDA**

**JOINVILLE - SC
2013**

CRISTIANE OLSKA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM PANORAMA A PARTIR DE HISTÓRIAS
DE VIDA**

Trabalho de Graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Matemática do Centro de Ciências Tecnológicas, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Matemática.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Luciane Mulazani dos Santos

**JOINVILLE-SC
2013**

O42e

Olska, Cristiane

Educação de Jovens e Adultos: um panorama a partir de histórias de vida / Cristiane Olska. – 2013.

60 p.: il

Bibliografia : f. 52 – 54

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)

Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Tecnológicas, Curso de Licenciatura em Matemática, Joinville, 2013.

Orientadora: Luciane Mulazani dos Santos

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Educação Matemática. 3. História Oral. I. Santos, Luciane Mulazani dos. II. Universidade do Estado de Santa Catarina – Curso de Licenciatura em Matemática. III. Educação de Jovens e Adultos: um panorama a partir de histórias de vida.

CDD: 374.012

CRISTIANE OLSKA

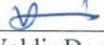
**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM PANORAMA A PARTIR DE
HISTÓRIAS DE VIDA**

Trabalho de Graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Matemática do Centro de Ciências Tecnológicas da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Matemática.

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): 
Prof. Dr.ª Lucjane Mulazani dos Santos
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: 
Prof. Dr. José Rafael Santos Furlanetto
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: 
Prof. Ms. Valdir Damázio Júnior
Universidade do Estado de Santa Catarina

Joinville, 24 de junho de 2013.

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar registrados meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram de forma direta e indireta para a realização deste trabalho.

Primeiramente, aos meus pais, que sempre acreditaram e confiaram em mim. Amo vocês!

Agradeço à minha irmã Tatiane, por entender a minha ausência quando ela se fez necessária e por estar ao meu lado em mais uma conquista. Desejo-te um brilhante futuro, irmã!

Agradeço à minha orientadora e excelente pesquisadora Luciane não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua amizade, companherismo e confiança que depositou em mim. Professora, obrigada por tudo!

Agradeço às minhas amigas joinvilenses Andressa, Dátila, Esther e Natália, que compartilharam comigo sorrisos, lágrimas e conhecimento, cada uma com seu jeito especial. Muito obrigada por viverem comigo na alegria e na tristeza.

Dentre elas, agradeço em especial à minha amiga Thais, pois além da grande amizade verdadeira mostrou-se uma segunda irmã. Obrigada!

Agradeço ao Bruno, amigo irritante que sempre competiu em notas comigo, porém devo admitir que ele sempre se sobressaiu, com todo mérito. Muito obrigada pela parceria nas monitorias e pela irritante amizade; meus dias seriam muito monótonos sem sua companhia chata.

Agradeço ao Geovane, amigo de grupo de estudo, com quem aprendi muito por suas excelentes explicações. E muito obrigada pelas caronas até a rodoviária de Joinville.

Agradeço ao excelente professor José Rafael por me privilegiar com suas aulas, as melhores aulas de Matemática de todo o curso. Obrigada, professor, pela sua dedicação e amizade.

Agradeço ao professor Valdir pelas várias vezes que me fez refletir sobre o que vem a ser professor e pela sua amizade.

Agradeço, ainda, aos professores José Rafael e Valdir por aceitarem compor a banca examinadora do meu trabalho.

E, por fim, mas não menos importante, agradeço ao Marcelo por todo carinho, compreensão e respeito. Obrigada!

Agradeço a Deus, que iluminou meu caminho, nele colocou essas pessoas maravilhosas que conheci durante a minha trajetória na Universidade e me fez escolher a Matemática, pois gostar daquilo que se faz é felicidade!

Matemática

Sempre me pareceu estranho que todos aqueles que estudam seriamente esta ciência acabam tomados de uma espécie de paixão pela mesma. Em verdade, o que proporciona o máximo de prazer não é o conhecimento e sim a aprendizagem, não é a posse, mas a aquisição, não é a presença, mas o ato de atingir a meta.

(Carl Friedrich Gauss)

RESUMO

OLSKA, Cristiane. **Educação de Jovens e Adultos:** um panorama a partir de histórias de vida. 2013. 61 folhas. Trabalho de conclusão de curso (graduação em licenciatura em matemática) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Joinville, 2013.

A presente monografia apresenta uma pesquisa qualitativa em Educação Matemática cujo objetivo foi traçar um panorama da Educação de Jovens e Adultos a partir de histórias de vida de pessoas envolvidas com essa modalidade de educação e do estudo do contexto histórico e da regulamentação da EJA no Brasil. Para conhecer as motivações, os objetivos e as concepções sobre a Matemática de aluno e professor que atuam na EJA, foram realizadas entrevistas tendo como base a metodologia da História Oral. Para a contextualização histórica e legal da EJA, foi realizado um estudo bibliográfico para auxiliar o leitor na compreensão do panorama que se pretendeu caracterizar. Propõe-se ao leitor, a tarefa de refletir a respeito daquilo que foi dito pelos colaboradores nas entrevistas.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Educação Matemática, História Oral.

ABSTRACT

This monograph presents a qualitative research in Mathematics Education whose purpose was to give an overview of Youth and Adults Education (EJA) from the life stories of those involved with this type of education and the study of the EJA's historical context in Brazil. To understand the motivations, goals and conceptions of a student and a teacher working in EJA about Mathematics, interviews were conducted based on the methodology of Oral History. For the EJA historical and legal context, we conducted a bibliographic study to assist the reader in understanding the panorama that is trying to characterizes. Proposes to the reader the task of reflecting on what was said by the collaborators in interviews.

Keywords: Youth and Adults Education, Mathematics Education, Oral History.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEJA	Centro de Educação de Jovens e Adultos
CONFINTEA	Conferência Internacional de Educação de Adultos
CEE	Conselho Estadual de Educação
CNE	Conselho Nacional de Educação
FIESC	Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PCNEJA	Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática para a Educação de Jovens e Adultos
PNAA	Plano Nacional de Alfabetização de Adultos
PNE	Plano Nacional de Educação
PBA	Programa Brasil Alfabetizado
PEI	Programa de Educação Integrada
PNLDEJA	Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos
Projovem	Programa Nacional de Inclusão de Jovens
PPP	Projeto Político Pedagógico
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
SED	Secretaria de Educação
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI	Serviço Social da Indústria
UNESCO	Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 MEUS PEQUENOS PASSOS.....	13
2 SOBRE A PESQUISA.....	19
2.1 PESQUISA QUALITATIVA E HISTÓRIA ORAL.....	19
2.1.1 O Campo de Estudos e a Realização da Pesquisa.....	22
3 OBSERVAÇÕES ANTES DAS ENTREVISTAS.....	27
4 O DIA DA ENTREVISTA.....	29
5 A MODALIDADE EJA: A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	38
5.1 A EJA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UM BREVE CONTEXTO.....	40
6 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE MATEMÁTICA PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (PCNEJA).....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICES	55
APÊNDICE A – Apresentação inicial.....	55
APÊNDICE B – Roteira da entreivsta: professor.....	56
APÊNDICE C – Roteiro da entrevista: aluno.....	57
APÊNDICE D – Carta de autorização:depoente 1.....	58
APÊNDICE E – Carta de autorização: depoente 2.....	59
ANEXOS.....	60
ANEXO A – LDB 9.394/96.....	60

INTRODUÇÃO

Caro leitor! Ao iniciar a leitura deste trabalho, acredito que você deve estar se perguntando: mas, quem é Cristiane? Pelo menos para mim a primeira pergunta que me vem à cabeça ao pegar qualquer coisa para ler é: quem é o escritor? Então, para começarmos bem, amigo leitor, conto inicialmente meus pequenos passos, uma breve trajetória da minha vida, onde esclareço porque escolhi o tema deste trabalho. Mas, qual mesmo o tema do trabalho? É a Educação de Jovens e Adultos.

Educação de Jovens e Adultos. Muito se fala, mas o que é? Bem, vamos pesquisar! A partir daí, comecei a pesquisar na internet, ler trabalhos de mestrado, doutorado e livros. Porém, ao buscar as respostas, começaram a surgir ainda mais perguntas, como por exemplo: o que leva as pessoas voltarem a estudar? Por que pararam quando era a “idade certa”? Como será que essas pessoas aprendem? Mais especificamente; como aprendem a Matemática? Qual é a sua concepção sobre a Matemática? Daí surgiu a grande dúvida: onde buscar as respostas para essas diversas perguntas? Ao perceber que a busca dos livros e na internet já não bastava para sanar minhas dúvidas, pensei: por que não conhecer a EJA pessoalmente? E, ainda mais; por que não perguntar às pessoas da EJA, as questões para as quais eu buscava as respostas? Foi assim, então, que decidi me inserir no ambiente EJA e entrevistar as pessoas. Quis ouvir as pessoas contarem suas histórias de vida. Para isso, era necessária uma metodologia de pesquisa. Decidimos pela História Oral para a realização de uma pesquisa qualitativa, apresentada no segundo capítulo.

Depois de conhecer essas pessoas e entrevistá-las, veio o procedimento, que para mim foi o mais difícil da pesquisa, de escrever o que essas pessoas contaram, mas escrever de uma forma que você, caro leitor, pudesse conhecer a história de cada pessoa entrevistada. Com o estudo da metodologia encontrei vários trabalhos em História Oral que poderiam ser referências da minha pesquisa. Em particular, uma tese de doutorado me cativou, principalmente na forma como foram apresentadas as entrevistas. Sendo assim, inspirada em Viana (2000), apresento as histórias de vida das pessoas com textos e imagens que serviram como epígrafes para as suas narrativas.

Após ouvir as pessoas, as minhas pesquisas iniciais feitas em livros e na internet auxiliaram na compreensão e visão do que vem a ser a EJA e claro, no esclarecimento das minhas dúvidas apresentadas inicialmente. Por isso, após a textualização das entrevistas, disponibilizo a você, amigo leitor, a pesquisa realizada que contribuirá para o seu entendimento sobre a EJA e seu contexto histórico como modalidade de Educação no Brasil.

1 MEUS PEQUENOS PASSOS

Contarei um pouco da minha vida neste capítulo, como cheguei até a Universidade, porque escolhi o curso de Licenciatura em Matemática e justifico um pouco mais a minha escolha de estudar a EJA.

Quando criança, pelas histórias que minha mãe me conta, eu era uma menina muito sapeca e bagunceira. Eu brincava muito com meu irmão e com meus primos. Eram brincadeiras de esconde-esconde, pega-pega, pular corda. Mas, para mim, a melhor brincadeira era a de professora. Na casa da minha avó havia uma lavanderia cujas paredes eram cobertas por azulejos. Quando eu a visitava, sempre escrevia com canetinha na parede, como se estivesse dando aula para uma turma. Eu pegava os sapatos de salto alto de minha mãe para imitar minha professora da primeira série que, usando saltos, fazia *plack plack* quando caminhava pela sala de aula. Eu passava muitas horas do dia brincando de ser professora. O dia em que ganhei meu primeiro quadro negro foi inesquecível. Minha mãe o deixou em cima da minha cama: Quando cheguei da escola e o vi lá, saí correndo e pulando pela casa.

Os anos se passaram, eu fui crescendo, fazendo amizades e conhecendo o mundo. Não tinha mais medo das histórias do bicho papão que minha avó contava ou do homem do saco. Na adolescência, período agitado, eu e minhas amigas sentávamos em círculo na hora do intervalo na escola para contarmos fofocas e novidades. As aulas de Matemática eram as minhas preferidas. Parecia que elas duravam tão pouco! Eu gostava de ir ao quadro resolver exercícios. Ia sempre que podia. Eram assim que se passavam as minhas horas na escola, estudando e curtindo a companhia das amigas.

Aos 17 anos, tive que tomar a primeira grande decisão da minha vida: qual seria minha profissão? Para que curso prestaria vestibular? Eu tinha muitas perguntas na minha cabeça e nenhuma resposta. Para tomar uma decisão, pensei no meu gosto pela Matemática e resolvi prestar vestibular para Engenharia de Produção. Passei neste vestibular, porém ainda não tinha certeza se era isso que queria para mim. Mesmo assim, com essa incerteza, cursei o primeiro semestre do curso. As melhores aulas eram as de Cálculo Diferencial e Integral. Passado o primeiro semestre na faculdade, notei que o que eu realmente gostava era de poder ensinar as contas de Cálculo para meus amigos. Conheci uma Matemática pela qual me apaixonei.

Daí em diante, percebi que aquele não era o meu lugar e tranquei minha matrícula do curso de Engenharia de Produção logo depois do início do segundo semestre. A sensação ligada ao prazer de ensinar, que tinha na minha infância, tinha despertado.

Já decidida a seguir a carreira de professora de Matemática, bastava saber onde fazer a Licenciatura, pois na minha cidade nenhuma instituição oferecia o curso tão desejado. O jeito foi buscar fora de Jaraguá do Sul. Encontrei a UDESC, Universidade do Estado de Santa Catarina, em Joinville. Prestei o vestibular para Licenciatura em Matemática e passei. Na minha opinião, o único problema de estudar em Joinville é ter que acordar muito cedo. Sou preguiçosa para acordar, sempre preciso de cinco minutinhos a mais na cama.

Agora, estou prestes a me formar no curso de Licenciatura em Matemática da UDESC. Escolhi esse curso porque gosto da Matemática desde meus tempos do Ensino Fundamental. Depois que entrei nesta universidade, o gostar se tornou adorar e eu fui ficando cada vez mais fascinada pela Matemática. No entanto, estudar e compreender a Matemática não se deu de maneira fácil e rápida. Encontrei dificuldades pelo caminho. Na minha opinião, para aprender Matemática se deve além da leitura dos teoremas e das definições, é preciso uma prática diária de exercícios, desafios que envolvem a aplicação do conteúdo estudado.

Minha formação na Educação Básica não foi das melhores. Sempre estudei em Escola Pública e senti dificuldades quando entrei na Universidade. No início, tudo parecia difícil de alcançar. O primeiro semestre foi o mais complicado de todo o curso, pois tudo era novo e impossível aos meus olhos. Muitas vezes, nos primeiros meses, pensei em parar o curso e procurar outra coisa para fazer. No começo, eu não sabia o que era, mas tinha algo que não me deixava desistir. Eu continuei no curso. Criei o hábito de estudar diariamente, pois até então estudar era coisa que eu fazia somente dois dias antes de uma prova. Com o passar do tempo, o que era muito difícil passou a ser difícil e logo depois já era só um pouquinho difícil.

Essas minhas vivências e experiências me levaram a questionar, em certos momentos do curso, como as pessoas que ficam muitos anos fora da escola estudam Matemática quando decidem voltar para a sala de aula.

Assistindo a documentários e a programas informativos que falavam sobre as histórias de pessoas que se superaram na vida e nos estudos apesar de não terem tido uma educação regular digna na escola, me interessei em investigar histórias de vida semelhantes àquelas que vi na televisão para conhecer as motivações e os obstáculos que essas pessoas enfrentam. Acredito que eu, como futura professora de Matemática, devo estar preparada para atender pessoas com história de vida assim. E, para isso, preciso conhecê-las.

A partir dessa minha vontade, algumas perguntas se tornaram frequentes em meus pensamentos: O que leva essas pessoas a buscarem por uma educação formal, ainda que tardia? Quais as dificuldades que enfrentam? Como são as aulas de Matemática? Com o intuito de esclarecer tais questionamentos, tomei a decisão de realizar meu trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Matemática da UDESC conhecendo e apresentando histórias de vida de algumas pessoas que frequentam escolas na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Desde quando comecei este trabalho, vejo que escolhi o tema certo, pois a cada leitura e capítulo escrito gosto mais de pesquisá-lo. Por sorte, também tenho uma maravilhosa orientadora, que me aceitou com meu tema de braços abertos, sempre sendo prestativa e otimista.

Não sei se um dia irei lecionar na modalidade EJA, porém, mesmo assim, acredito que como professora de Matemática - profissão cujo objetivo, acredito, não é somente ensinar contas e fórmulas e sim, também possibilitar a construção do conhecimento e o exercício da cidadania - preciso conhecer a Matemática como objeto da prática docente para as diversas camadas e classes sociais.

Esse é o último semestre do meu curso de Licenciatura em Matemática. Em minha trajetória, que no início era tão difícil, mas depois ficou somente difícil, construí conhecimento e laços de amizade que não irão se desfazer mesmo com a distância que vem com o término da graduação. Aprendi a sempre pensar positivamente, pois se nós mesmos não acreditarmos que as coisas irão dar certo quem mais irá acreditar? Aprendi a confiar cada vez mais em Deus e a valorizar a família que me apoiou todas as vezes nas horas difíceis. Aprendi a entender o verdadeiro significado de ser professor. Conheci vários professores, cada um com sua história, seu jeito de ensinar. Jamais esquecerei as noites em claro estudando para as provas, os sábados de reposição de aula, as provas nas manhãs de sábado. Quantas músicas sertanejas e caipiras tive que ouvir na rádio do carro no percurso Jaraguá a Joinville! Coitados dos meus amigos, que várias vezes me ouviram reclamar por ter que acordar às cinco horas da manhã para vir à Universidade, do longo e cansativo trajeto até Joinville, da chuva, do frio e de tudo que me chamava de volta para cama, coisa difícil de resistir. Mas, o melhor de tudo é sentir - diante de todas as dificuldades enfrentadas, dos feriados perdidos, das noites sem baladas, do domingo sem sofá e pipoca - toda a satisfação e o orgulho de ser chamada de professora. Não há dificuldade que não possa ser superada quando se acredita em um sonho. Lembrem do início, quando falei que não sabia o que não me deixava desistir do

curso? Hoje tenho a resposta para essa pergunta e ela é simples: é amor pela Matemática e, além disso, o amor por ensinar a Matemática.

Depois de esclarecido porque eu escolhi esse tema para meu trabalho de graduação e contar um pouco sobre a minha vida, podemos então, partir para a minha pesquisa que será apresentada a seguir.

*Era uma vez...*¹

Um garoto chamado Roberto que amava muito o seu pai. Roberto tinha um grande sonho desde pequeno: trabalhar no ramo da Engenharia Mecânica. Porém, muito imaturo, ele não sabia que, para alcançar seu sonho, o seu caminho seria árduo, assim como todos os outros, pois não há vitória sem batalha. Nas tardes, depois da aula, Roberto brincava de bombeiro com seu primo. O pai de Roberto era um homem muito trabalhador. Quando o pai de Roberto chegava em casa à tarde, sempre perguntava para Roberto: “Filho, você já fez seus deveres?”. E Roberto sempre dizia: “Já vou, pai”. Com o passar do tempo, o garoto começou a apresentar dificuldades na escola. Preocupados com a educação do seu filho, os pais do garoto tentavam descobrir porque ele ia tão mal na escola. Até que um dia, seu pai notou que Roberto precisava se aproximar muito para ler qualquer coisa. Foi então que Joares (pai de Roberto) levou seu filho ao oculista e lá descobriram que o menino precisava usar óculos. Após solucionar o problema do seu filho, Joares pensou que as coisas iriam melhorar para Roberto na escola. Porém, suas expectativas não foram atingidas. O filho continuava com problemas escolares. Certo dia, o pai chamou a atenção do filho, que estava sentado na cadeira desenhando algumas paisagens. Exclamou o pai: “Filho, chega disso agora e vá estudar!”. “Estudar o quê, pai?”. “De tudo um pouco. Comece a estudar por Matemática, depois Geografia... e um pouco de cada disciplina”. “Matemática? Eu não gosto de Matemática, pai. Já tentei, mas acho meio difícil, eu gosto de desenhar!”. “Mas filho, Matemática é muito legal! Vamos, eu vou te ajudar a estudar e você irá notar como é legal aprender”.

Apesar de todo o esforço do pai, o filho não obteve sucesso na escola. Três anos mais tarde, Joares teve que ir embora da cidade devido a exigências de seu trabalho. Porém, deixou a esposa e seu filho na cidade e se comunicava com a família através de cartas. Precisando então ajudar nas despesas de casa, Roberto, agora já um rapaz de quinze anos, começou a trabalhar em uma lavação de carro. Com o trabalho, o rapaz tinha menos tempo para estudar e foi assim que reprovou mais um ano na escola. Roberto não tinha tempo e nem vontade para estudar. Como consequência, mais repetições apareceram no seu boletim escolar e foi assim que o menino deixou a escola. Porém, o sonho de Roberto ainda morava em seu coração, mas mal sabia ele, que cada passo que ele dava era um passo mais distante da realização do seu

¹ Esta história é um exercício de textualização que reúne depoimentos e observações decorrentes da minha convivência com a EJA ao longo dessa pesquisa.

sonho. Em uma tarde chuvosa, Roberto passou pela empresa que tanto admirava e decidiu se candidatar a uma vaga para trabalhar na função de auxiliar de serviços gerais e, com muita sorte, foi chamado para trabalhar. Na fábrica, Roberto ficava nos intervalos de lanche olhando os trabalhadores classe “A” realizarem seus experimentos e criações. Como aquilo era tão encantador para Roberto, ele decidiu estabelecer metas para também se tornar alguém como o trabalhador classe “A”.

O primeiro passo que Roberto deu foi voltar a estudar. Para isso, foi procurar a escola, a mesma onde já tinha estudado. Chegando lá, explicou sua situação para a secretária. Ela disse: “Olha, Roberto, devido a sua idade, já com 16 anos, acho melhor você estudar no CEJA. Lá você vai encontrar pessoas da mesma idade e com as mesmas características que as suas. Vou te passar o endereço e você vai lá. “CEJA? Exclamou Roberto”. “O CEJA não é uma escola para as pessoas mais velhas, pessoas que pararam os estudos há muito tempo?” E a secretária explicou. “Então... o CEJA ainda tem essa função, porém, atualmente, está ocorrendo um processo que está mudando a realidade do CEJA. Chamamos esse processo de juvenalização da EJA pois a maioria dos alunos que frequentam a EJA é formada por jovens de 15 a 22 anos, que tiveram que parar seus estudos ou reprovaram várias vezes e não tiveram um bom comportamento na escola”. Chegando ao CEJA, Roberto conversou com a secretária, explicou sua situação e conseguiu se matricular. Começando seus estudos, o rapaz começou a se dedicar, estudar e gostar de aprender. Mesmo que trabalhasse o dia inteiro, a vontade de Roberto era maior que o sono, ficando muitas noites em claro estudando. Ao longo do tempo, o rapaz descobriu que a Matemática não era um bicho de sete cabeças. Com a sua vivência no CEJA, o jovem conheceu pessoas que nunca tinham entrado em uma escola, para quem o CEJA era a primeira escola. Também fez amizades com muitas pessoas, a maioria delas da sua idade. Roberto conhecia quase todo mundo no CEJA, pois a maioria era formada pelos jovens de 16 a 20 anos. Assim, conhecendo essas pessoas e seus diversos motivos que as trouxeram até o CEJA, Roberto concluiu que cometeu um grave erro no passado, não deu valor à oportunidade que tinha quando era mais novo, de estudar em uma escola regular e aproveitar seus estudos.

Com a passar do tempo, Roberto concluiu o Ensino Médio no CEJA e anos mais tarde se formou em Engenharia Mecânica. Seu prazer pela aprendizagem foi tão grande que resolveu cursar Licenciatura em Física. Hoje, Roberto trabalha em uma das melhores universidades do país. Para Roberto, o conhecimento é importante, mas mais importante ainda é a curiosidade.

2 SOBRE A PESQUISA

Neste capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos desta pesquisa qualitativa em História Oral.

2.1 Pesquisa Qualitativa e História Oral

Esta é uma pesquisa qualitativa no âmbito da Educação Matemática que utiliza a metodologia da História Oral. De acordo com Goldenberg (1998, p.63), na pesquisa qualitativa é possível o pesquisador “observar, diretamente, como cada indivíduo, grupo ou instituição experimenta, concretamente, a realidade pesquisada” focando no aprofundamento da compreensão da questão levantada na pesquisa e não na representatividade numérica.

Sanches e Minayo (1993), quando tratam das diferenças entre as abordagens quantitativas e qualitativas das metodologias de pesquisa, apontam que este é um “debate aberto” e, para esclarecerem os termos de ambas, apontam algumas diferenças. De acordo com esses autores, a investigação quantitativa tem como objetivos trazer à luz indicadores, fenômenos e tendências observáveis e a qualitativa trabalha com crenças, atitudes, opiniões, representações, valores e hábitos. Reforçam que, do ponto de vista metodológico, não há contradição entre elas e sim diferença na natureza. Do ponto de vista epistemológico, para esses autores, uma não é “mais científica do que outra”. Assim, não se pode dizer que uma pesquisa quantitativa é melhor porque é mais objetiva e nem que a natureza qualitativa de uma pesquisa, por si só, garante uma compreensão profunda de determinado objeto de estudo. Assim, uma pesquisa cientificamente válida, independente de ser quantitativa ou qualitativa, é aquela que segue o rigor metodológico e epistemológico dentro da natureza que a determina.

Uma investigação das experiências de pessoas relacionadas à modalidade EJA envolve diferentes aspectos ligados a vivências, falas, argumentações etc., que a tornam cercada de condições para a realização de uma pesquisa qualitativa.

Desta forma, nessa pesquisa qualitativa, a História Oral é utilizada como metodologia e para a realização de entrevistas cujo papel foi a constituição de fontes a partir das narrativas dos colaboradores entrevistados. Além disso, a partir de tais entrevistas, é apresentado um

panorama sobre a Educação de Jovens e Adultos construído com tópicos da história da EJA no Brasil e da legislação que a regulamenta.

As entrevistas tiveram o objetivo de registrar aquilo que os colaboradores – um professor que ensina Matemática na EJA e um aluno que estuda na EJA – disseram a respeito de suas vivências e concepções sobre o tema da pesquisa, registrando suas Histórias de Vida. As entrevistas foram estruturadas com palavras direcionadas ao aprofundamento do tema seguindo um roteiro que é apresentado nos apêndices deste trabalho.

Assim, o planejamento da pesquisa, a escolha dos entrevistados, a realização e o tratamento das entrevistas foram tratados de acordo com a sistematização proposta e apresentada pela metodologia da História Oral a partir de um projeto inicial.

Para Meihy e Ribeiro (2011), o projeto inicial

É um plano que une argumentos operacionais de ações de planejamento de pesquisa prévia sobre algum grupo social que tem algo a dizer. O projeto é composto por sete etapas: o planejamento da condução das gravações segundo indicações previamente feitas; respeito aos procedimentos do gênero escolhido e adequado de história oral; tratamento da passagem do código oral para o escrito, no caso da elaboração de um texto final para a pesquisa ou escrita de um livro; conferência da gravação e validação; autorização; arquivamento e/ou eventual análise; sempre que possível publicação dos resultados, podendo ser feita através de catálogos, relatórios, textos de divulgação, sites, documentários em vídeo ou exames analíticos como dissertações ou teses. (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.13)

Portanto, a História Oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto inicial e que continua com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. Assim foi feito nesta pesquisa, desde a elaboração do projeto de pesquisa e reuniões de orientação até a realização dos procedimentos de tratamento das entrevistas gravadas com os depoentes.

De acordo com Souza, Martins-Salandim e Garnica (2007), “o trabalho com História Oral na área da Educação Matemática tem sido cada dia mais recorrente e foi apontado como uma das três tendências atuais de pesquisa num movimento que pretende efetivar um diálogo com a História”. Quando esses autores defendem a História Oral como uma metodologia, apresentam argumentos que a afirmam “como uma ressonância entre pressupostos teóricos e procedimentos de pesquisa”, ou seja, falam de “uma postura específica perante um conjunto de informações, ou ainda, perante sua construção”.

A história oral dialoga de forma muito próxima com a área da História por ser, em sua efetivação, uma possibilidade única de elaboração de fontes históricas e por possibilitar, na postura assumida perante fontes já constituídas ou agora elaboradas, a realçar a leitura de histórias distintas, de “verdades” plurais e co-existentes. A constituição de fontes históricas ocorre por meio da exploração da oralidade, de narrativas constituídas a partir dessa oralidade, ou seja, a partir de situações de entrevista. Narrativas produzidas por (ex)professores, (ex)alunos, (ex)pesquisadores de Matemática ou da Educação Matemática, profissionais que atuaram ou atuam em esferas educacionais e pessoas que nunca participaram do sistema escolar, esboçam perspectivas outras (às vezes afirmando, complementando, contradizendo ou inovando) em relação às informações disponíveis nos arquivos históricos já existentes e que armazenam documentos escritos como atas, fichas e dados várias naturezas. (SOUZA; MARTINS-SALANDIM; GARNICA, 2007, p. 2)

Nessa perspectiva, as versões que são produzidas em pesquisas que utilizam a História Oral podem apresentar novas leituras de informações registradas em arquivos históricos, dando novo significado ao que seja o processo de construção da história permitindo a “elaboração de uma ‘outra’ história, tão relativa e subjetiva quanto o são todas as histórias possíveis, mas certamente com uma amplitude diferenciada, pois escrita a partir de uma pluralidade de vozes e perspectivas”. (SOUZA; MARTINS-SALANDIM; GARNICA, 2007, p. 2)

Algumas vezes, faz-se certa confusão entre História Oral e entrevista simples. Meihy e Ribeiro (2011) esclarecem a questão apontando que

Entrevista é uma parte do projeto [de História Oral]. A entrevista única vale pela espontaneidade. A condição de entrevista era aproximada do conceito de “depoimento”, pois tanto presidia a gravidade do que se dizia, sempre aproximado de supostos como “busca da verdade”. Atualmente, alguns oralistas optam por não usar mais o termo “depoimento” e no lugar consagram a entrevista como maneira dialógica em que alguém grava ou registra narrativa de outra pessoa. A multiplicação de aparelhos de gravação e a disseminação da prática em situações variadas é mais do que o conteúdo da gravação, o leitor deve ter parâmetros de entendimento. Não é porque se faz entrevista que se faz história oral e também não se faz entrevista apenas para fazer história oral. (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.100)

Assim, o que caracteriza a entrevista em História Oral é a sistematização dos processos organizados pela lógica proposta no projeto inicial, pois sem projeto, não há História Oral. Nesta pesquisa, realizamos um projeto inicial que foi o marco de início dos trabalhos, de acordo com os procedimentos metodológicos da História Oral.

De acordo com Alberti (2005),

Sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de investigação científica, o que pressupõe sua articulação como um projeto de pesquisa previamente definido. Assim, antes mesmo de se pensar em história oral, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação. A História Oral só começa a participar no momento em que é preciso determinar a abordagem do objeto em questão: como será trabalhado. (ALBERTI, 2005, p.29)

Desta forma, a autora apresenta uma questão que justifica a utilização da História Oral como método para investigar e compreender as questões que me levaram a realizar o estudo aqui apresentado.

Conforme Meihy e Ribeiro (2011), a História Oral é classificada nos seguintes gêneros narrativos: História de Vida Oral, História Oral Testemunhal, História Oral Temática, Tradição Oral e Bancos de Histórias. Nesse sentido, utilizamos nesta pesquisa o gênero narrativo História Oral de Vida, que trata da narrativa de experiências de vida das pessoas.

2.1.1 O Campo de Estudos e a Realização da Pesquisa

*“Quem é essa moça? Será que ela vem estudar com a gente?”
(Comentário de um dos alunos do CEJA)*

Esta pesquisa, realizada como discutido por Meihy e Ribeiro (2011) e Alberti (2005), está em consonância com o que é pesquisado pelo GHOEM² (Grupo de História Oral e Educação Matemática), refletido na síntese feita por Dombrowski (2012) em sua dissertação de mestrado:

A História Oral apresenta toda uma sistematização como: o planejamento prévio da pesquisa, a escolha dos entrevistados através de critérios préestabelecidos, a gravação de entrevistas, a transcrição dos depoimentos, a textualização, a transcrição, a análise do pesquisador, a colaboração do entrevistado desde aos contatos para a entrevista até a conferência e a validação do texto da entrevista para posterior utilização acadêmica do material, o arquivamento e o processo de devolução da pesquisa, dos resultados obtidos às pessoas ou à comunidade onde ela foi realizada. Essas etapas específicas bem como a intencionalidade do pesquisador em constituir fontes históricas se tornam o diferencial da História Oral em relação às outras metodologias. Aqui as fontes não foram encontradas, elas foram criadas a partir da proposição da investigação e do encontro da pesquisadora com seus colaboradores na pesquisa. (DOMBROWSKI, 2012, p.26)

² Disponível em: <<http://www.ghoem.com/>>

Nesse sentido, as entrevistas realizadas na presente pesquisa do tipo História Oral de Vida foram feitas com pessoas que possuem vivências na modalidade EJA em uma escola do município de Jaraguá do Sul, em Santa Catarina. Escolhi dois candidatos para entrevistar: um professor de Matemática que leciona para a modalidade EJA no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) e um aluno do nono ano do Ensino Fundamental do CEJA. Estes colaboradores foram escolhidos a partir da minha observação de algumas aulas no CEJA. Convidei-os para participar, explicando-lhes o objetivo da pesquisa e eles prontamente se dispuseram a participar contando suas histórias de vida. Para a gravação do áudio das entrevistas, utilizei como equipamento o gravador do celular.

O CEJA localiza-se no bairro Jaraguá Esquerdo, na cidade de Jaraguá do Sul, em Santa Catarina e é a única escola que oferece a modalidade EJA na cidade. Escolhi fazer a pesquisa no CEJA de Jaraguá do Sul por conta da minha facilidade de acesso à escola. Para mim, ficou mais fácil realizar esse trabalho na mesma cidade onde moro, sem ter que me deslocar até Joinville.

Criado em 1985, o CEJA atende somente a modalidade EJA e oferece aulas em dois períodos, matutino e noturno e em dois níveis, Ensino Fundamental e Ensino Médio, com aulas presenciais. Segundo a assessora técnica pedagógica da escola, a instalação da obrigatoriedade das aulas presenciais seguiu uma medida tomada pelo Ministério da Educação (MEC) desde o ano passado e isso fez crescer a taxa de evasão escolar dos alunos. Para resolver esse problema, o CEJA adotou as aulas presenciais com a possibilidade do aluno optar pela quantidade de disciplinas que deseja cursar. Essa quantidade de disciplinas está relacionada com a quantidade de dias por semana que o aluno deve frequentar a instituição. Assim, se um aluno cursar cinco disciplinas por semana, deve frequentar o CEJA cinco vezes por semana e terminará o curso em um ano e meio. Caso o aluno deseje cursar menos disciplinas por semana, levará mais tempo para concluir o curso. Com isso, cada dia é dia de uma disciplina. Essa é a nova matriz curricular que vigora na instituição, mas alguns alunos ainda seguem a matriz antiga, que era constituída por oficinas (cada disciplina tinha a sua) na qual trinta por cento da carga horária era presencial e setenta por cento era a distância.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola:

Localizado no vale do Itapocu, norte do Estado de Santa Catarina, Jaraguá do Sul é sede microrregional do CEJA, estendendo sua área de atuação aos municípios vizinhos de Massaranduba, Schroeder, Corupá e Guaramirim, através dos seus NAES (Núcleo Avançado de Ensino Supletivo) e Unidades

Descentralizadas. Visando à expansão da Educação de Jovens e Adultos, a Secretária de Estado da Educação/CEJA firmou parcerias através de Convênios Estaduais e parcerias locais, principalmente com a Prefeitura, estendendo as ações da EJA às instituições, tendo o compromisso com a organização, coordenação, inspeção, acompanhamento técnico administrativo e pedagógico e expedição de certificados aos alunos concluintes. (CEJA, 2012)

A direção do CEJA foi muito prestativa no que se refere a liberações e autorizações para a realização da pesquisa. E os colaboradores foram receptivos e colaborativos ao participarem das entrevistas, ainda que um pouco acanhados e preocupados com o que estavam dizendo.

A minha vivência no CEJA, neste período, começou com a realização de um curto período de observação de aulas no período noturno. Decidimos por fazer essa observação para que eu tivesse um contato prévio com aquele ambiente escolar para identificar possíveis colaboradores que seriam os depoentes nas entrevistas. Esse contato também foi importante para que eles se sentissem mais confortáveis na minha presença e tivessem confiança no trabalho que eu estava fazendo. Eu acompanhei quatro aulas do período noturno, sendo duas da disciplina de Geografia e duas da disciplina de Matemática. Esse período de observação foi muito importante como um primeiro contato meu com uma instituição de EJA. Assim, além da importância da realização das entrevistas e das pesquisas relacionadas à história e regulamentação da EJA, que serão apresentadas no capítulo cinco, a minha vivência na escola, ainda que por um curto período, também contribuiu para a minha pesquisa e para a minha formação como professora de Matemática.

No meu primeiro dia de observação de aulas no CEJA, minha entrada na instituição foi acompanhada por olhares curiosos e desconfiados. Todos ficaram me olhando, pois eu era uma estranha para eles e o que pude perceber é que todos pensaram que eu fosse uma nova aluna. Antes de entrar na sala de aula, pude visitar a sala dos professores e eles também ficaram curioso. “É estagiária nova”, a maioria pensou.

Assim, reconhecendo o ambiente escolar e acompanhando as aulas, foi possível escolher e convidar os colaboradores para a realização das entrevistas. Um critério que utilizamos na hora da escolha foi buscar dois perfis diferentes, aluno e professor.

A gravação de entrevista teve início na década de 1950, na Europa, no Estados Unidos e no México. As formas de praticar a história oral variam conforme objetivo das pesquisas e dos pesquisadores. [...] O tratamento das entrevistas e sua passagem da forma oral para a escrita também tendem a ser diversos, conforme as orientações de cada programa ou pesquisa. Além

disso, com as novas tecnologias digitais, as possibilidades de gravação em vídeo e de difusão por meio eletrônico, multiplicaram-se as modalidades de emprego da história oral. (ABHO, 2013)

Realizadas as entrevistas com os colaboradores, o procedimento seguinte foi a transcrição. A transcrição é o processo de transformar em um texto escrito aquilo que foi dito pelo depoente e gravado em áudio na entrevista. Essa transformação deve ser uma cópia perfeita da gravação do áudio da entrevista, contendo até exclamações ou manifestações emocionais dos colaboradores. Para esse trabalho, utilizei um *software*³ para ouvir o áudio das entrevistas e um outro, editor de textos, para escrever o texto que eu estava ouvindo, exatamente como era dito pelos colaboradores entrevistados.

Depois da transcrição das entrevistas, foram feitas as textualizações. A textualização é o processo cujo objetivo é reorganizar o texto resultante da transcrição de modo a facilitar a leitura e a compreensão das ideias. Essa reorganização pode ser feita segundo uma ordem cronológica ou temática tomando sempre o cuidado para preservar a fala dos depoentes.

Para que o narrador reconheça-se no texto da entrevista, é preciso que a transcrição vá além da passagem rigorosa das palavras da fita para o papel. A transcrição literal, apesar de extremamente necessária, será apenas uma etapa na feitura do texto final, que chamo de **textualização**, por ser ao fim e ao cabo um modo de se reproduzir honesta e corretamente a entrevista em um texto escrito. A textualização deve ser uma narrativa clara, onde foram suprimidas as perguntas do entrevistador; o texto deve ser "limpo", "enxuto" e "coerente" (o que não quer dizer que as idéias apresentadas pelo entrevistado sejam coerentes); **sua leitura deve ser fácil, ou compreensível, o que não ocorre com a transcrição literal**, apresentada por alguns historiadores como "fiel" ao depoimento, porém difícil de ser analisada como documento histórico. (...) Assume-se, portanto, que **a textualização final da entrevista é de autoria do historiador, sendo o depoente um colaborador para a fabricação deste novo documento**. (GATTAZ, 1996, p. 136, grifo meu)

Assumidas essas posições, as entrevistas realizadas nesta pesquisa permitiram a elaboração das textualizações que se tornaram elementos importantes na discussão a respeito da EJA da forma como pretendida nesta pesquisa.

Por fim, após as textualizações, foram feitas as validações de cada um dos textos produzidos a partir da realização das entrevistas. A validação é a etapa final onde o colaborador confere o texto produzido verificando a legitimidade do trabalho. “Validar uma narrativa é ato de respeito e atitude de maturidade de oralistas. O texto produzido pelos encontros entre os entrevistados e os entrevistadores, obrigatoriamente, tem valor”. (MEIHY;

³ Utilizei a versão gratuita do *software Express Scribe* disponível em <http://www.nch.com.au/scribe/index.html>.

RIBEIRO, 2011, p.111). Nessa fase, os colaboradores fizeram a conferência das textualizações das entrevistas permitindo que elas sejam apresentadas na pesquisa.

Além do uso da Metodologia da História Oral para a realização das entrevistas, foi feito, nesta pesquisa, um estudo bibliográfico sobre a modalidade EJA pautado em tópicos da história da educação no Brasil e na regulamentação desta modalidade de educação para auxiliar o leitor na compreensão do panorama que pretendemos caracterizar.

No capítulo seguinte, serão comentadas algumas observações feitas antes das entrevistas que contribuíram para a caracterização do CEJA, campo de estudos da pesquisa.

3 OBSERVAÇÕES ANTES DAS ENTREVISTAS...

A principal finalidade deste capítulo é apresentar algumas situações ocorridas durante minha vivência no CEJA que chamaram a minha atenção. Assim, mostro como a vivência no CEJA foi importante para traçar o panorama da EJA segundo minhas observações e estudos realizados ao longo desta pesquisa.

Na aula de Matemática

“Se x corresponde ao valor da diária do estacionamento e é cobrada mais uma taxa fixa de três reais, quem será y ?” (Problema discutido na aula de Matemática, na turma do 9º ano do Ensino Fundamental – EJA).

Na primeira aula de Matemática que assisti no CEJA, o professor trabalhou o conceito de função e algumas de suas aplicações no cotidiano. Os alunos apresentaram dificuldades na compreensão do conceito de função, principalmente na hora da substituição. Eles não conseguiam entender qual era o valor de x que deveria ser substituído e o que deveriam fazer com o y . Outra dificuldade que observei foi que eles não conseguiam criar a lei de uma função que descrevia um problema apresentado pelo professor, que teve, então, que resolver três exercícios junto com os alunos no quadro, para só depois eles seguirem sozinhos com a resolução dos demais. As carteiras são organizadas em três fileiras, sendo que cada fileira é composta por duas carteiras. A sala é pequena.

O intervalo entre as aulas dura quinze minutos e inicia às vinte horas e quarenta minutos. Os alunos ganham uma refeição noturna e comem sentados em uma grande mesa, conversando com seus colegas.

*“Você é aluna nova? O que você está fazendo aqui?
Você é professora nova?”
(Perguntas que os alunos me fizeram durante a hora do intervalo).*

Na aula de Geografia

*“Olha, a nossa turma não é quieta como hoje. Ela está assim porque algumas pessoas faltaram”
(Aluno do 9º ano do Ensino Fundamental do CEJA).*

Neste dia, os alunos resolveram exercícios sobre planícies, serras e planaltos. Aparentemente, essa turma mostrou mais interesse pela disciplina de Geografia do que pela disciplina de Matemática. Todos fizeram os exercícios e as pessoas que terminavam ajudavam seus colegas.

*- Evelyn, me ajude a levar esses livros para a sala.
- Por que o professor vai utilizar esses livros antigos⁴ hoje?
- Porque preciso ensinar o que são planícies, planaltos, serras e nestes livros novos não tem o conceito básico, a explicação necessária. É tudo superficial.
(Conversa com o professor da disciplina de Geografia que trabalha no CEJA).*

Apesar da minha curta permanência observando as aulas no CEJA, notei algumas dificuldades enfrentadas pela Direção da escola, pelos professores e pelos alunos da instituição.

O problema mais frequente e relatado pelos professores enquanto eu estava fazendo a pesquisa, é a falta de material adequado para utilizar em sala de aula. Um exemplo é a falta de conteúdo nos livros disponibilizados para a EJA. O Ministério da Educação distribui livros específicos para essa modalidade, porém faltam conteúdos importantes neles, pois são livros em volume único que não contém todo o conteúdo necessário.

A dificuldade encontrada pela Direção da instituição está na organização das matrizes curriculares, pois o CEJA possui alunos da antiga e da nova grade curricular gerando algumas confusões administrativas.

Com relação aos alunos, pude perceber o cansaço nos seus rostos, pois a maioria trabalha durante o dia e estuda no período noturno.

Agora, já me sentindo integrada ao CEJA, percebi que era possível realizar as entrevistas com os colaboradores, entrevistas essas que são apresentadas no próximo capítulo.

⁴ Livros antigos são os livros que foram utilizados quando o CEJA oferecia as disciplinas por módulos e as aulas não eram presenciais. Para cada disciplina existia um livro específico. Livros novos são os atuais, com menos conteúdos, segundo o professor.

4 O DIA DA ENTREVISTA

Neste capítulo, serão apresentadas as entrevistas realizadas com os colaboradores participantes da pesquisa, especificando ainda, o lugar em que as entrevistas foram realizadas e como ocorreu o procedimento.

“Eu estou um pouco nervoso”

(Colaborador da pesquisa, durante a sua entrevista)

Todas as entrevistas foram realizadas em um único dia, no período noturno, no Centro de Educação de Jovens e Adultos. A gravação das falas foi feita em áudio utilizando o gravador do celular.

A sala do CEJA utilizada para realizar as entrevistas fica próxima à sala dos professores. É uma espécie de copa, com geladeira, materiais didáticos e cadeiras. Neste dia, os professores que não tinham determinadas aulas ficaram na sala dos professores conversando com os demais, mesmo sabendo que eu estava entrevistando os colaboradores da minha pesquisa. Essas vozes, ao fundo, também ficaram gravadas nos áudios das entrevistas mas não impediram o processo de transcrição.

Depois que eu terminei as entrevistas com os colaboradores, observei que o primeiro deles, o professor de Matemática do CEJA, não se sentiu inteiramente confortável para se expressar durante a entrevista, ficou na defensiva. Eu o conheci e participei das suas aulas nas duas semanas anteriores à entrevista, justamente para criarmos um vínculo, certa intimidade, para que quando fôssemos realizar as entrevistas ele se sentisse à vontade. Já o outro colaborador, aluno do CEJA, se abriu mais e conversou mais. A seguir, a tabela 1 apresenta o cronograma das entrevistas indicando duração, local, data e os nomes dos colaboradores participantes.

CRONOGRAMA DE ENTREVISTAS		
Nome	Data e local	Duração
Airton Liesenberg	02/05/2013 - CEJA	08min e 12s
Gilmar dos Santos	02/05/2013 - CEJA	11min e 50s

Tabela 1: Cronograma de horários das entrevistas

Para apresentar as entrevistas que vêm a seguir, inspirada em Vianna (2000), escolhi e utilizei como epígrafes, ao longo das textualizações, letras de músicas e imagens que, além de estabelecerem uma relação com o que foi dito pelo colaborador, ilustrando sua fala, podem também levantar reflexões a respeito daquilo que foi dito.

Primeira Entrevista

Airton Liesenberg – 34 anos

Professor do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA)

*No sonho que se realiza
(um bom professor)
Cada nova ideia tem um professor
O que se aprende, o que se ensina
(um professor)
Uma lição de vida, uma lição de amor
Na nota de uma partitura, no projeto de arquitetura
Em toda teoria, tudo que se inicia
Todo bom começo tem um bom professor
Tem um bom professor
(Um bom professor, um bom começo⁵)*

Meu nome é Airton, sou professor há dois anos e meio. Sempre adorei trabalhar, dividir o que eu sei com os outros e é isso que eu acho que é ser professor. É compartilhar, dividir o conhecimento. Foi por isso que eu escolhi a profissão de professor. É mais do que salário, é a realização profissional. Aposto que não existem só professores pensando em salários, quem não gosta não fica. O professor que gosta, que tem no sangue, fica.

Adoro a Matemática porque adoro números. Todos! É impressionante a parte das exatas! Pode ser ou não pode! É ou não é! E acabou! A Matemática deve trazer a realidade do aluno em todos os segmentos. Mas a questão é: o que trazer? Alguns conteúdos não têm aplicabilidade, agora, para os alunos. A gente não pode pensar que eles só vão fazer o Ensino Médio, tem que abrir o leque, dar oportunidades para eles. Também não podemos pensar que eles não vão fazer outra coisa além do Ensino Médio. Então, devemos passar um conteúdo misto, mas para a realidade deles.

É gratificante trabalhar com jovens e adultos. É uma ótima experiência. Eu tive uma experiência com crianças e não gostei, prefiro jovens e adultos. Adoro trabalhar com eles. Há dificuldades? Há! Mas eles têm prazer em aprender e é isso que dá satisfação para o professor. É diferente das crianças de hoje, elas não querem aprender. Eu sempre vejo um futuro em todo aluno, eu não consigo ver que aquele aluno só quer o diploma. Se ele voltou para a escola é porque quer algo a mais, quer conhecimento. O maior desafio da EJA é a política do governo que não investe tanto em jovens e adultos. Só existe a educação de jovens e adultos porque o governo tem que cumprir o que está na lei.

⁵ Campanha Todos pela Educação 2011 produzida pela DM9DDB, agência do grupo ABC.

O governo deu um passo furado com relação ao que ele já tinha implantado na EJA quando disse que o aluno deveria frequentar todos os dias a instituição onde estuda, que as aulas deveriam ser todas presenciais. Isso não funcionou. Hoje, o governo retornou com as etapas, que é uma nova metodologia e com isso o ensino melhorou em termos de qualidade. Investir ainda é o maior desafio do Governo.

*Você que tem ideias tão modernas
É o mesmo homem que vivia nas cavernas
(Engenheiros do Hawaii – Crônica. Compositor: Humberto Gessinger)*

Trabalhar na escola particular é diferente. A ideia principal deles é tornar a educação de jovens e adultos mais atraente do que a educação regular, com mais qualidade. É um nível de qualidade do ensino que a gente está buscando em um tempo curto, mas em sala de aula se tem um aproveitamento enorme. Os alunos vêm com interesse. Tem gente comentando que se nós chegarmos ao nível que a gente almeja, haverá pais tirando os filhos da escola regular para deixá-los vir para a EJA mais tarde. Esse é o futuro que vejo dentro da Educação de Jovens e Adultos. Também vejo que as indústrias assumirão o compromisso de qualificar seus funcionários.

Os professores estão trabalhando hoje com uma carga horária entre 60 e 70 horas. Há professor pegando dez disciplinas para encaixar a carga horária. Notamos então que a qualidade do ensino não é a mesma. Por quê? Primeiro, quando que o professor irá preparar uma aula? Uma boa aula? Quando esse mesmo professor poderá buscar uma formação melhor? Quando ele poderá buscar um mestrado, um doutorado? Não se tem tempo para isso. E segundo, um professor de Educação Física não tem como dar uma boa aula de Língua Portuguesa, porque uma pessoa não tem como saber tudo de todas as disciplinas. O professor deve buscar o conhecimento para repassar para o aluno da EJA. Onde? Em algum material? Mas em que material se também não tem? Todo mundo diz que é bonito, mas até agora o material não veio. Muito se fala e pouco se faz. Os professores estão tendo que elaborar questões do dia a dia do aluno ou de acordo com o segmento da empresa em que o aluno trabalha. Não está fácil, se tivesse material tudo seria mais fácil.

*Nas favelas, no senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação.
Que país é esse?*

(Legião Urbana - Que país é esse? Compositor: Renato Russo)

A gente se preocupa com o futuro quando fala em Educação. Por quê? Todo mundo fala muito sobre a Educação mas pouco se faz, tanto por parte do governo, como no particular, em qualquer escola. Eles falam muito, mas fazem pouco. Tem gente que diz que a Educação não tem solução. Penso que um dia irá mudar, vai haver melhorias. Um dia vai dar certo, tem que dar. Basta acreditar.

Confunde-se muito a Educação dada pela família com a ligada ao conhecimento que vem da escola. São coisas diferentes. Família é tudo! Acho que é a razão da gente viver. Sou eu e minha esposa, não sou pai. Filhos? Por enquanto não, tem que se organizar bem para isso. Está nos planos!

Espero que no futuro o Governo se conscientize, que melhore a Educação. O caminho é remunerar melhor os professores, outra alternativa não tem. Pode-se falar o que quiser da Educação, mas se não pagar bem o profissional para ele trabalhar menos e preparar melhor as aulas, não tem melhora. Claro! Não é para ganhar mais e trabalhar menos e sim trabalhar mais com um salário melhor. Acho que a ideia principal é essa.

Segunda Entrevista

Gilmar dos Santos – 22 anos

Aluno do 9º ano do Ensino Fundamental do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA)



Brinquedos - 12/05/2013

Meu nome é Gilmar dos Santos. Eu acho que não tive uma boa educação na minha infância. Também! A gente morava na roça! A gente tinha bastante dificuldade para ir à escola e andava bastante a pé porque era muito longe. Na época, só minha mãe e meu avô que trabalhavam, meu pai não trabalhava. Eu não sabia ler direito e até a minha mãe tentava me ensinar. Então, a gente ia de vez em quando para a escola, daí começamos a perder aula. Nós somos lá do Nordeste, eu acho que lá não tem um incentivo para ir para a escola, então paramos de ir. Eu ouvi falar e até conheço pessoas formadas lá mesmo que vivem trabalhando na roça. Tudo começou porque a gente não queria mesmo ir para a escola.



Cena do Filme Doze é Demais⁶.

⁶ Filme de 2005, dirigido por Adam Shankman baseado no livro de Frank B. Gilbreth Jr. e Ernestine Gilbreth Carey, é uma comédia que narra a tumultuada rotina de uma família formada por um casal com doze filhos.

Minha família é meio complicada. Meu pai me deu oportunidade para eu vir para cá, para Joinville. Faz quatro meses que moro com meus tios, com meu primo e prima. Eles são a parte boa da família. Minha tia é quem está me incentivando a estudar. Meu pai continua lá no Nordeste. Ele não tem leitura nenhuma, acho que ele só sabe assinar o nome mesmo, mas ele também é bom. Minha mãe, ela é mais.... eu não tenho muita convivência com ela. Tenho uns irmãos que são muito bons, eles querem vir para cá porque aqui é melhor.



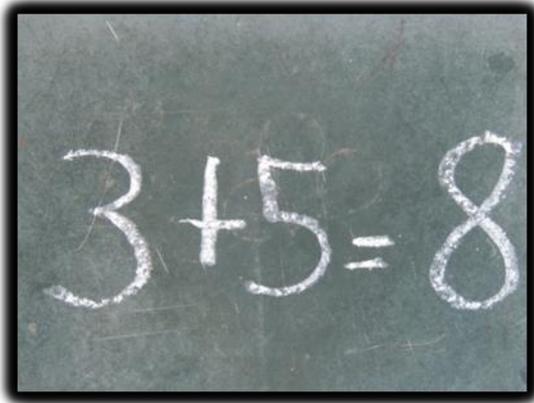
Cena do filme “De Repente 30”.⁷

Na juventude, fui mais pela minha cabeça. Comecei a trabalhar muito. Trabalhei na colheita de laranja, montando a cavalo, nesses negócios assim. E aí, o que aconteceu? Justamente o que está acontecendo agora: eu chegava muito cansado em casa e não tinha vontade para ir para a escola. Na época, meu pai se separou da minha mãe e fiquei morando eu mais ele. E ele dizia: “filho vai para a escola que vai ser bom pra você”. Daí eu ia, mesmo forçado eu ia. Ânimo eu não tinha. Quando eu chegava no segundo semestre, desistia, não aguentava mais, ia para casa dormir. Mas, mesmo assim, eu sempre fui um bom aluno.

Hoje eu trabalho na WEG⁸ e algumas vezes faço um bico por fora. O trabalho é a parte que todo mundo gosta. Eu acho! O trabalho é o ensino da vida! Tanto na adolescência como na fase adulta, tem que trabalhar para se manter. E precisa se ter estudo também. É fundamental estudar para poder conseguir um trabalho melhor. É isso que estou tentando conseguir.

⁷ Comédia de 2004, dirigida por Gary Winick, roteiro de Josh Goldsmith e Cathy Yuspa. Conta a história de uma adolescente de 13 anos que, insatisfeita com sua vida, pede para virar adulta, o que acontece de repente, causando muitas confusões.

⁸ A WEG é um grande grupo industrial catarinense do ramo de fabricação de motores e de fornecimento de sistemas elétricos industriais completos. Tem sede em Jaraguá do Sul e também em outras cidades do Brasil e do exterior.



Quadro velho - 12/05/2013

Toda a vez em que eu fui para escola, quando não desistia por causa do trabalho ou de outras coisas, eu fui para estudar. Nunca aconteceu de eu precisar estudar mais senão iria reprovar, não sei o que é isto.

Eu nunca escrevia nada no caderno, eu ficava só olhando e observando o professor. Não gostava de ler para ninguém e nem de escrever nada no quadro. Até que um dia, na aula de Matemática, eu tive que ir. Acho que foi quando eu estava na sétima série. A partir daí, o professor criou o costume de sempre me chamar para eu ir lá no quadro. E eu sempre conseguia! Eu era o incrível! Minhas notas sempre foram boas em Matemática. Já em Português, minhas notas ficam na média mesmo. E eu tenho muita dificuldade em Português.

Eu gosto da Matemática. É a arte que eu uso todos os dias. Todo dia a gente tem Matemática, a gente vive com ela. Tudo que a gente faz é na base de um número. Então, eu tento aprender sempre mais, pego bastante o caderno em casa, gosto de fazer muitas perguntas e se eu tiver com alguma dúvida eu peço ajuda para o professor. Até hoje nunca tive um professor de Matemática ruim, todos são bem explicativos. Para ser um bom professor de Matemática, só basta responder as perguntas e tirar as dúvidas dos alunos. Ter a sala em ordem também é muito importante, porque se tiver uma sala bagunceira não tem como os alunos estudarem, não tem como os alunos se concentrarem. E eu gosto de Matemática! Acho que é por isso que eu tenho essa facilidade em Matemática.

Eu acho que essa escola é muito boa, tem vários professores bons. É uma coisa que eu nunca tinha visto! Onde eu estudava antes era mais largado, ninguém ligava, não tinha essa marcação de ficar pegando no pé. Aqui é muito bom, eu gostei. Gosto muito daqui. Eu só acho que está faltando um pouco de compreensão por parte dos alunos. Até dou risada! Esses alunos lá da minha sala, você esteve lá, você viu, eles bagunçam mesmo. Para melhorar aqui,

só se mudasse de prédio, porque o prédio realmente é muito pequeno para todas as pessoas, a sala está lotada. Também é muito ruim na hora da saída, é muito trânsito.



Relógio - 12/05/2013

Daqui a 20 anos, eu pretendo ter acabado os meus estudos, já ter feito uma faculdade, ter montado um negócio para eu trabalhar por conta, algo relacionado com animais, porque eu gosto de bicho. Boi... Eu penso nisso. Talvez um dia, mais tarde, penso em fazer tourada e gravar um DVD sobre tourada.

E dou um conselho para quem puder: volte para a escola. Quando voltar para a escola, se essa pessoa estiver se sentindo mal, ela vai reerguer a cabeça e vai ver que o estudo é o caminho certo. Esse foi o caminho que eu andei. É muito importante ter alguém que apoie, que dê conselhos, que incentive os estudos, que faça com que a pessoa se sinta melhor porque gente está ali, naquele momento, e a gente não pensa qual é o caminho certo, a gente só pensa que pode fazer a escola depois. Mas, depois, a gente sente na pele. Hoje, para entrar numa empresa, precisa fazer um teste. É muito difícil quando você vê que não consegue fazer porque falta estudo.

Além das entrevistas realizadas no CEJA, foi importante fazer um estudo bibliográfico sobre a modalidade EJA para auxiliar na compreensão do panorama que pretendemos caracterizar. O capítulo seguinte apresentará esse estudo.

5 A MODALIDADE EJA: A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Em 2012, o Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), campo de estudos desse trabalho, realizou uma pesquisa interna com os alunos na forma de um questionário que perguntava questões relacionadas com família, vida, felicidade, emprego, estudos etc. De acordo com tal pesquisa, a maioria dos alunos que estudam no CEJA à noite é do sexo masculino, trabalha durante o dia, está na faixa etária entre 15 e 30 anos e é natural de outros Estados brasileiros, principalmente do Paraná. Ainda segundo a pesquisa, a motivação dos alunos para voltarem para a sala de aula na modalidade EJA foi a busca por uma melhor oportunidade de emprego e também a continuação ou início dos estudos.

A EJA, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB) 9.394/96, é uma modalidade de educação básica nos níveis de Ensino Fundamental e Ensino Médio, que oportuniza aos jovens e adultos a continuidade ou o início dos estudos e usufrui de especificidade própria. É uma categoria organizacional da estrutura nacional educação, com finalidades e funções. A população contemplada por essa modalidade são jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de estudarem na idade adequada ou que tiveram que parar seus estudos por algum motivo. A EJA é oferecida em cursos presenciais, semipresenciais, não presenciais ou na forma de exames supletivos. A escolha da forma como é oferecida varia de acordo com cada sistema de ensino, em cada Estado. O Ensino presencial pode ser oferecido anualmente, com duração do ensino regular ou pode ser oferecido semestralmente, sendo que cada semestre corresponde a um ano do ensino regular. Os cursos semipresenciais são de frequência não obrigatória, e a avaliação pode ser feita com exames. Os cursos não presenciais podem se apresentar mediante estudos modulares e avaliados em exames. Quando falamos de EJA, estamos nos referindo aos jovens, adultos, idosos, ou seja, às pessoas com perfil de EJA que podem frequentar a modalidade independentemente da etnia, cor, deficiência ou cultura. (BRASIL, 2000, p.02)

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da educação LDB 9.394/96, poderão frequentar a EJA as pessoas que satisfizerem o inciso I e II tais que:

I – no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos; (LDB, inciso I, Art.38°).

II – no nível de conclusão do ensino média, para os maiores de dezoito anos (LDB, inciso II, Art.38°).

A EJA constitui um dos meios pelos quais a sociedade pode satisfazer as necessidades

de aprendizagem dos cidadãos, igualando as oportunidades educacionais e resgatando a dívida social para com aqueles que foram excluídos ou não tiveram acesso ao sistema escolar.

O objetivo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é a construção de novas formas de participação e de exercício dos direitos de cidadania. A formação deve articular-se à educação geral, garantir o ensino fundamental público e gratuito da população jovem e adulta, sendo dever do Estado e direito público subjetivo dos cidadãos, segundo a Constituição Federal e leis complementares. O desenvolvimento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) oportuniza o estabelecimento de parcerias entre organizações governamentais e não governamentais. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) procura alcançar novas dimensões, proporcionando a formação integral do ser humano e a consciência de suas potencialidades como ser criador. (MEC/UNESCO, 2007, p.19)

Para Arroyo (2003),

O campo da EJA está se firmando de maneira muito intensa com sua especificidade, com suas dificuldades próprias e também com suas deficiências que precisam ser vencidas. Quem trabalha com Educação de jovens e adultos não atende pessoas “desencantadas” com a educação, mas sujeitos que chegam à escola carregando saberes, vivências, culturas, valores, visões de mundo e de trabalho. Estão ali também como sujeitos da construção desse espaço que tem suas características próprias e uma identidade construída coletivamente entre educandos e educadores. (ARROYO, 2003, p.07)

É importante que a comunidade escolar envolvida com a EJA – alunos, professores, gestores – tenha consciência das particularidades dessa modalidade de Educação para que se tenha o sucesso na aprendizagem dos alunos e na construção da cidadania que tanto se deseja.

É importante também conhecer uma visão histórica a respeito da EJA no Brasil, como a apresentada a seguir.

5.1 A EJA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UM BREVE CONTEXTO

Conhecer brevemente a trajetória da história da EJA no Brasil, como a EJA ganhou seu espaço no cenário nacional, suas dificuldades e contribuições para o desenvolvimento da Educação do país é a principal finalidade deste subcapítulo.

Utilizamos, nesse trabalho, algumas das considerações de Friedrich et al. (2010) acerca da trajetória da EJA no Brasil. Esses autores fazem um paralelo da EJA com a evolução histórica, a formação de professores e o mercado de trabalho no Brasil compreendendo o período de 1973 até 2007 concluindo que

A literatura traz em geral acontecimentos cronológicos de iniciativas pontuais na tentativa de solucionar os problemas decorrentes do analfabetismo e falta de qualificação da mão de obra necessária ao modo de produção em cada época da história de nosso país. Também se caracteriza por uma educação compensatória, supletiva e emergencial. Quanto aos professores, surge um sujeito com perfil de um herói que resolve enfrentar sem uma formação específica uma modalidade de ensino com muitas carências. O professor diante de manuais precisa usar de toda sua criatividade para ensinar ao seu aluno, também numa condição de exclusão. (FRIEDRICH et al., 2010, p. 4)

Ainda de acordo com os autores, a EJA

Pode ser considerada em toda sua trajetória como proposta política redimensionada à plataforma de governo na tentativa de elucidação de um problema decorrente das lacunas do sistema de ensino regular. Sendo assim, muitas confusões surgem nas definições encontradas na literatura acerca da nomenclatura de EJA. Não significa que essa modalidade de ensino, hoje Educação de Jovens e Adultos, tenha diferentes definições, mas pela própria história da evolução da EJA no Brasil e no mundo nas diferentes faces do desenvolvimento histórico da sociedade, o tratamento dos termos associados foi-se confundindo e se configurando como complementação de estudos e suplementação de escolarização. (FRIEDRICH et al., 2010, p. 4)

Percebemos, assim, uma dificuldade em definir apropriadamente o que seja a EJA e também, por consequência, situar historicamente essa modalidade. De qualquer forma, alguns pontos podem ser levantados para auxiliar na construção do panorama da EJA no Brasil, como a síntese que apresento a seguir.

De acordo com Paiva (1973) a trajetória do desenvolvimento da educação no Brasil perpassa o histórico da EJA vindo se institucionalizando desde a catequização dos indígenas,

a alfabetização e a transmissão da língua portuguesa. Ainda de acordo com essa autora, a primeira escola noturna no Brasil que tinha o objetivo de alfabetizar trabalhadores analfabetos surgiu em 1854, dando início ao processo de educar as pessoas para a qualificação profissional. No período dos 20 anos seguintes, surgiram outras 117 escolas com essas características.

Entre 1887 e 1897, época de transição do Império para a República, foi depositada na educação a esperança pela solução dos problemas do país. Assim, a rede escolar se expandiu. Em 1910, começaram os movimentos pela erradicação do analfabetismo.

A educação escolar passou a ser considerada “baluarte do progresso e do desenvolvimento da nação”. O analfabetismo foi compreendido como um “mal e uma doença nacional” e o analfabeto como “inculto, preguiçoso, ignorante e incapaz”. O domínio da leitura e da escrita foi valorizado para a execução das emergentes técnicas de produção industrial, frente ao acelerado processo de urbanização do país. (FAUSTO, 1999).

Isso aconteceu até como condição para garantir o voto aos analfabetos, direito negado pelo Decreto nº 3.029, conhecido como “Lei Saraiva”, responsável pela instituição do título de eleitor na primeira reforma eleitoral do Brasil. (PAIVA, 1973).

O caráter qualitativo e a otimização do ensino tiveram como palco as melhorias das condições didáticas e pedagógicas da rede escolar, quando foram iniciadas mobilizações em torno da educação como dever do Estado, sendo este um período de intensos debates políticos. Estas discussões se intensificaram nas décadas de 20 e 30, com a Revolução de 30 com as mudanças políticas e econômicas e o processo de industrialização no Brasil a EJA começa a marcar seu espaço na história da educação brasileira. (FRIEDRICH et al., 2010, p. 7)

Descontentes com o rumo que a educação brasileira tomava, educadores conceituados criaram, em 1932, um programa de política educacional amplo e integrado que ficou conhecido como Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, redigido por Fernando de Azevedo⁹ e assinado por outros conceituados educadores, como Anísio Teixeira¹⁰. O Manifesto creditava ao Estado o dever de elaborar um plano geral de educação e definir uma escola única, gratuita, pública e obrigatória. Somente em 1934, com a nova Constituição

⁹ Fernando de Azevedo (1894-1974): Funcionário público, sociólogo e educador, foi Secretário da Educação. Organizou e dirigiu duas grandes iniciativas na Educação do Brasil, lançadas em 1931: a Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPB) e a coleção Brasileira. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/biografia/fernando-de-azevedo.htm>> Acesso em 22 mar 2013.

¹⁰ Anísio Spínola Teixeira (1900-1971): É considerado o principal idealizador das mudanças que marcaram a educação brasileira no século XX, pioneiro na implantação de escolas públicas de todos os níveis com o propósito de oferecer educação gratuita para todos. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/anisio-teixeira-306977.shtml>> Acesso em 23 mar 2013.

Federal, a educação foi caracterizada como de direito de todos, devendo ser ministrada pela família e poderes públicos. (PORCARO, 2012)

De acordo com Friedrich et al. (2010), a instituição do PNE - Plano Nacional de Educação pela Constituição de 1934, estabeleceu “como dever do Estado o ensino primário integral, gratuito, de frequência obrigatória e extensiva para adultos como direito constitucional. A oferta de ensino básico e gratuito estendeu-se a praticamente todos os setores sociais”. A partir daí, na década seguinte, houve iniciativas e grandes transformações na educação brasileira e, conseqüentemente, na EJA:

A década de 40 foi marcada por grandes transformações e iniciativas que possibilitaram avanços significativos na educação e por consequência na EJA. A criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) vem corroborar com a intenção da sociedade capitalista e dos grupos econômicos dominantes: sem educação profissional não haveria desenvolvimento industrial para o país. [...] Nessa fase da história, a educação é considerada como fator de segurança nacional tendo em vista o alto índice de analfabetismo: aproximadamente 50% da população em 1945. Nesse período, a estagnação econômica foi relacionada à falta de educação escolar do seu povo. (FRIEDRICH et al., 2010, p. 7)

Em 1947, foi lançada a primeira campanha de EJA no país, que foi dividida em duas etapas: a primeira pretendia alfabetizar os adultos em três meses e consolidar o curso primário em mais sete meses; a segunda etapa previa a capacitação profissional. Durante essa campanha, foram criadas várias escolas supletivas. No final da década de 50, a partir de análises críticas, foram identificadas falhas na campanha, relacionadas principalmente ao método de ensino inadequado, às diferenças regionais e ao aprendizado considerado superficial. Sendo assim, foi necessário buscar uma nova solução para a EJA. (PORCARO, 2012)

Em 1958, o presidente da república Juscelino Kubitschek de Oliveira convocou os vários Estados do país para discutirem a questão no chamado Congresso de Educação de Adultos, onde ganhou destaque a experiência relatada pelo grupo que representava o Estado de Pernambuco, liderado por Paulo Freire.

No fim da década de 1950 e início da década seguinte, criou-se uma nova perspectiva na educação brasileira, fundamentada nas ideias e experiências desenvolvidas por Paulo Freire. Esse educador idealizou e vivenciou uma pedagogia voltada para as demandas e necessidades das camadas populares, realizada com sua efetiva participação e a partir de sua história e sua realidade. O trabalho pedagógico com jovens e adultos passou a contar com os princípios da educação popular. (PAIVA, 1973, p.259)

O Segundo Congresso Nacional de Educação de Adultos mobilizou a criação de um programa permanente de Educação de Adultos. Foi aí que surgiu o PNAA – Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, dirigido por Paulo Freire, que foi extinto mais tarde, no Golpe de Estado de 1964, “juntamente com os demais movimentos de alfabetização de adultos vinculados à ideia de fortalecimento popular.” (Friedrich et al., 2010, p. 79). Depois disso, o Governo somente permitiu a alfabetização de adultos com caráter assistencialista e conservador, assumido em 1967 o controle dessa atividade lançando o MOBREAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização. (BITTAR, 2012).

O MOBREAL foi constituído como organização autônoma em relação ao Ministério da Educação (MEC), sendo responsável pela execução de programas de alfabetização. Na década de 70, sua ação se expandiu por todo o território brasileiro levando à criação do Programa de Educação Integrada – PEI, cujo foco era a consolidação do curso primário, tendo grande importância porque possibilitou a continuidade dos estudos de pessoas que já sabiam ler e escrever, ou seja, os recém-alfabetizados.

Em 1971, a Lei nº. 5.692 regulamentou o Ensino Supletivo como um grau de ensino que visa a contemplar os jovens e adultos como uma alternativa para a complementação da escolaridade, a volta aos estudos e a aprendizagem e aperfeiçoamento para a qualificação profissional.

Segundo Haddad e Di Pierro:

O ensino Supletivo visou se constituir em “uma nova concepção de escola”, em uma “nova linha de escolarização não formal, pela primeira vez assim entendida no Brasil e sistematizada em capítulo especial de uma lei de diretrizes nacionais”. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p.116)

A partir de 1985, com a redemocratização do Brasil,

O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBREAL) é extinto e ocupa seu lugar a Fundação EDUCAR, com as mesmas características do MOBREAL, porém sem o suporte financeiro necessário para a sua manutenção. Com a extinção da Fundação EDUCAR em 1990 ocorre a descentralização política da EJA, transferindo a responsabilidade pública dos programas de alfabetização e pós-alfabetização aos municípios. (FRIEDRICH et al., 2010, p. 10)

Essa mudança foi importante, pois passou para os estados e municípios a responsabilidade pública sobre a EJA. Contando com essas novas competências, a partir de 1990, a EJA estabeleceu uma política e metodologia com a universalização do ensino

fundamental de qualidade. O ano de 1990 foi considerado o Ano Internacional da Alfabetização quando diversas instituições governamentais e não governamentais realizaram debates para encontrar soluções para a erradicação do analfabetismo no Brasil. “Nesta década, a articulação em torno da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional reafirmou a institucionalização da modalidade EJA **substituindo a denominação Ensino Supletivo por EJA**” (FRIEDRICH et al., 2010, p. 10, grifo meu)

Uma Comissão Nacional de EJA foi instituída pelo Ministério da Educação, recomendando que cada Estado da federação realizasse um encontro para discutir metas e ações EJA. Em 1996, foi fundado o primeiro Fórum Estadual de EJA no Rio de Janeiro e ocorreu a reforma na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.334/96, sendo dedicada à EJA a seção V com os Art.37 e Art.38.

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. (Seção V, Art.37º, 1996)

Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. (Seção V, Art.38º, 1996)

Depois do primeiro Fórum do Rio de Janeiro, se expandiu pelo Brasil a constituição de Fóruns, sendo que eles são diferentes em cada Estado mas têm em comum o fato de serem interlocutores da EJA no Brasil.

De acordo com a última regulamentação da EJA:

Em nível estadual, é de responsabilidade do governo do Estado elaborar e executar políticas e planos locais de Educação de Jovens e Adultos (EJA), integrando-os à política nacional; definir, com os municípios, formas de colaboração na oferta do ensino fundamental, as quais devem assegurar a distribuição proporcional das responsabilidades, de acordo com a população a ser entendida e os recursos financeiros disponíveis; e assegurar o ensino fundamental oferecendo, com prioridade, o ensino médio. (MEC/UNESCO, 2007, p.90)

A respeito das diretrizes curriculares para a EJA, são as seguintes as funções dessa modalidade de ensino:

Reparadora, pela restauração de um direito negado; equalizadora, de modo a garantir uma redistribuição e alocação em vista de mais igualdade na forma pela qual se distribuem os bens sociais; e qualificadora, no sentido de atualização de conhecimentos por toda a vida. (FRIEDRICH et al., 2010, p. 12)

Percebemos que a trajetória histórica da EJA no Brasil tem uma estreita relação com as políticas de governo. No governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), o país viveu uma crise econômica e houve uma priorização na expansão do Ensino Fundamental. Logo, os direitos à escolarização de jovens e adultos não recebeu a amplitude garantida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.334/96. A modalidade EJA foi excluída do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), principal fonte de financiamento na educação. Já no governo Luis Inácio Lula da Silva (2003-2010) retomou-se a articulação de uma política de EJA sob responsabilidade do Ministério da Educação. Em 2003 foi criado o Programa Brasil Alfabetizado (PBA) com o objetivo de alfabetizar a população brasileira. Apesar de contabilizar a alfabetização de quase dois milhões de jovens e adultos com pouca ou nenhuma escolaridade formal, este programa não atingiu as expectativas do Governo Federal. No ano seguinte, para reparar as falhas encontradas, foi ampliado o conceito de alfabetização resultando em reflexões sobre uma nova educação, a educação continuada e foi criada a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI). Esta Secretaria constituiu-se como instituição administrativa e formuladora de políticas responsáveis pelo gerenciamento dos programas de alfabetização e de EJA. Com tudo isso, surgiu uma nova preocupação com a educação continuada das pessoas que completaram o ensino fundamental na modalidade EJA. Essa preocupação resultou na oferta do Ensino Médio na EJA. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p.116)

Atualmente, a oferta pública de EJA é realizada, em sua maioria, pelas redes estaduais de educação, abrangendo o Ensino Fundamental e Médio, ainda que haja uma grande participação também dos municípios na sua promoção.

O Ministério da Educação complementa a política atual de EJA com alguns programas como: PNLDEJA - Programa Nacional do Livro Didático para a EJA para fornecer livros didáticos às entidades de ensino que oferecem a modalidade EJA; Projovem Urbano, com o objetivo de elevar a escolaridade de jovens com idade entre 18 e 29 anos que saibam ler e escrever e que não tenham concluído o Ensino Fundamental integrando a EJA com a qualificação profissional; Concurso Literatura para Todos, para estimular a criação de obras literárias específicas para novos leitores jovens, adultos e idosos.

Notamos que a importância da EJA tanto para as organizações governamentais como para a sociedade está em proporcionar uma educação de qualidade para as pessoas que não tiveram oportunidade de terminar ou continuar seus estudos durante o período regular, sendo uma das portas para o recomeço e planejamento para muitos daqueles que tinham desistido de

seus sonhos.

De acordo com o Ministério da Educação,

Fundada nos valores da democracia, da participação, equidade e solidariedade social, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve permitir aos educandos mudar a qualidade de sua intervenção na realidade. Seu objetivo primeiro é, pois, a construção de novas formas de participação e de exercícios pleno e consciente dos direitos de cidadania. A formação para o trabalho, entendida como uma das dimensões da educação continuada de jovens e adultos, deve articular-se à educação geral e atender aos fins da educação nacional. (MEC/UNESCO, 2007, p.27)

A Educação Básica é direito de todo cidadão, isto é afirmado pela Emenda Constitucional N°74 de 11 de novembro de 2010, Art. 1° inciso I e VII,

§ 1° Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria. (BRASIL, Art.1°, 2009). “Atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde” (BRASIL, Art.1°, 2010)

Com o objetivo de pensar sobre a necessidade da EJA no Estado de Santa Catarina, estudos sobre a referida modalidade se iniciaram em 1997. O Governo Estadual de Santa Catarina também investe e contribui para a criação e permanência de programas voltados para a EJA. Por exemplo, o Programa Santa Catarina Alfabetizada, cuja parceria entre a Secretária de Estado da Educação e Desporto (SED) e o Ministério da Educação (MEC), tem o propósito de que seja garantido o direito de acesso à escolarização, iniciando pelo processo de alfabetização. O programa chama a sociedade para buscar estratégias de incentivo ao jovem, adulto e idoso afim de que possam se inserir no mundo letrado. (SED/SC, 2013)

O Serviço Social da Indústria (SESI¹¹), do Estado de Santa Catarina, oferece escolaridade para Jovens e Adultos trabalhadores da indústria, sendo gratuito e oferecendo nos níveis de Ensino Fundamental e Médio. O programa é desenvolvido em parceria com a Secretária de Estado de Educação e Desporto (SED). O curso é oferecido na modalidade a distância, com momentos presenciais obrigatórios, por meio das metodologias Novo

¹¹O Serviço Social da Indústria (SESI), criado em 1946, é uma instituição aliada das empresas, com o intuito de melhorar a qualidade da educação e elevar a escolaridade dos trabalhadores brasileiros. O SESI mantém uma rede de escolas que oferecem educação básica, Educação de Jovens e Adultos e Educação Continuada. São 1.218 unidades espalhadas pelo Brasil. A instituição também oferece redes de bibliotecas, teatros e espaços culturais, piscinas, quadras, pistas de atletismo e entre outros. O Serviço Social da Indústria (SESI) desempenha um papel decisivo para o aumento da competitividade da indústria e o desenvolvimento sustentável do Brasil. (Portal da Indústria, 2012)

Telecurso e Ensino Modularizado. O atendimento é realizado nas unidades do SESI ou em locais disponibilizados pelas empresas clientes. (FIESC¹², 2010). O Ensino Modularizado consiste no desenvolvimento de estudos individualizados por meio de módulos instrucionais e atendimento em grupo por professores, duas vezes por semana. O Telecurso consiste no desenvolvimento de estudos por meio de fitas de vídeo e fascículos, com atendimento em grupo por um orientador de aprendizagem, diariamente ou três vezes na semana. (SESI, 2008)

De acordo com dados do Estado de Santa Catarina, existem 36 instituições não governamentais que oferecem o ensino básico na modalidade EJA no Estado. (CEE, 2012)

Segundo as recomendações da 5^o Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA), a EJA deve ter como princípios:

Sua inserção num modelo educacional e inovador de qualidade, orientado para a formação de cidadãos democráticos, sujeitos de sua ação, valendo-se de educadores que tenham formação permanente como respaldo da qualidade de sua atuação. (BRASIL, 1997, p.20)

As CONFINTEAs, Conferências Internacionais de Educação de Jovens e Adultos são conferências organizadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que possuem o objetivo de produzir documentos que tragam os problemas encontrados na Educação de Jovens e Adultos, possibilitando a discussão sobre possíveis soluções e melhorias na modalidade.

Assim, com a EJA fortalecendo seu espaço no cenário nacional e mundial, foram elaborados documentos cujas funções são ampliar, respeitar e refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos pensando em sua dimensão pedagógica nas escolas. São documentos como o apresentado a seguir.

¹²O Sistema FIESC tem o objetivo de fortalecer a indústria catarinense. É composto por cinco entidades: Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC), Serviço Social da Indústria (SESI/SC), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI/SC), Centro das Indústrias de Santa Catarina (CIESC) e Instituto Euvaldo Lodi (IEL/SC). Disponível em: < <http://www2.fiescnet.com.br/web/pt/info/conhe-a-o-sistema-fiesc>>. Acesso em: 07 abr 2013.

6 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE MATEMÁTICA PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - PCNEJA (2002)

Garantir que jovens e adultos tenham acesso aos conhecimentos necessários para a formação de cidadãos conscientes e responsáveis é um dos papéis da EJA na sociedade. Com essa preocupação, foi elaborado o PCNEJA, documento composto por estratégias e objetivos que visam a melhorar o ensino da EJA. Neste capítulo é apresentada algumas dessas metas e estratégias relacionadas ao ensino de Matemática.

De acordo com Lopes (2007), sendo a Matemática um modo de pensar e um patrimônio da humanidade, sua apropriação é para todos. Na EJA, a formação Matemática deve propor atividades investigativas e exploratórias que proporcionem aos estudantes o estabelecimento de relações entre a aprendizagem matemática e as outras áreas de conhecimentos.

Os Parâmetros Curriculares de Matemática para a Educação de Jovens e Adultos – PCNEJA¹³ foram elaborados em 2002 pela Secretaria do Ensino Fundamental do Ministério da Educação. Sua proposta é orientada pelas proposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). A publicação está organizada em três volumes. No primeiro, são introduzidas as características específicas da EJA; no segundo, são apresentadas as especificidades das matérias de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, História e Geografia; o terceiro é voltado às disciplinas de Matemática, Educação Física, Ciências e Artes. Além disso, o documento destaca a metodologia pedagógica dos professores que lecionam na EJA e levanta os desafios enfrentados pela modalidade.

De acordo com os PCNEJA, a Matemática deve incorporar o papel formativo para desenvolver capacidades intelectuais que possam ser aplicadas na vida prática e nas diversas áreas do conhecimento. Muitos jovens e adultos que estudam na modalidade EJA dominam as noções básicas da Matemática aprendidas de maneira informal ou intuitiva, antes de terem o contato com as representações simbólicas e a Matemática formal. Essas noções decorrem de suas vivências sociais, profissionais e culturais. Quanto às conexões de conteúdos

¹³ Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol3_matematica.pdf>
Acesso em: 13 mar 2013.

matemáticos com as situações do cotidiano, é possível proporcionar um melhor entendimento da ciência e se torna eficaz. (PCNEJA, 2002, p.72)

De acordo com os PCNEJA, são objetivos do ensino da Matemática na EJA:

Identificar os conhecimentos matemáticos como meios para compreender e transformar o mundo à sua volta e perceber o caráter de jogo intelectual, característico da Matemática, como aspecto que estimula o interesse, a curiosidade, o espírito de investigação e o desenvolvimento da capacidade para resolver problemas (PCNEJA, 2002, p.73).

Os alunos da EJA devem perceber que a Matemática está diariamente presente em seus cotidianos, como, por exemplo, conferir se o troco do supermercado está certo, realizar e leitura de horas no relógio, verificar se pode ou não comprar determinado produto com certa quantia, se a quantia é ou não suficiente e muitas outras atividades. E também contribui para o desenvolvimento do raciocínio matemático.

Resolver situações-problema, sabendo validar estratégias e resultados, desenvolvendo formas de raciocínio e processos; como intuição, indução, dedução, analogia e estimativa, utilizando conceitos e procedimentos matemáticos, bem como instrumentos tecnológicos disponíveis. (PCNEJA, 2002, p.73)

A Matemática deve ser ensinada para os alunos de maneira construtiva, desenvolvendo capacidades, ou seja, o ensino não deve apresentar inúmeras fórmulas, regras, resultados e depois disso, os alunos resolverem mecanicamente os exercícios, seguindo um modelo.

Comunicar-se matematicamente, ou seja, descrever, representar e apresentar resultados com precisão e argumentar sobre suas conjecturas, fazendo o uso da linguagem oral e estabelecendo relações entre ela e diferentes representações matemáticas. (PCNEJA, 2002, p.73)

Podemos entender que um dos objetivos do ensino da Matemática é fazer com que o aluno entenda um gráfico (ex. de pesquisa), que é apresentado usualmente em jornais, revistas. Que consiga se expressar matematicamente e entenda matematicamente as informações que permeiam o mundo. “Sentir-se seguro da própria capacidade de construir conhecimentos matemáticos, desenvolvendo a autoestima e a perseverança na busca de soluções”. (PCNEJA, 2002, p.74)

Cada aluno conhece a sua capacidade matemática e o que contribui para a eficiência do ensino. Então o ensino da Matemática na Educação de Jovens e Adultos deve estimular a prática dessa capacidade, a prática de raciocinar matematicamente.

Interagir com seus pares de forma cooperativa, trabalhando coletivamente na busca de soluções para problemas propostos, identificando aspectos consensuais ou não na discussão de um assunto, respeitando o modo de pensar dos colegas e aprendendo com eles. (PCNEJA, 2002, p.74).

A aprendizagem da Matemática se desenvolve melhor quando se trabalha em grupo porque é possível debater ideias, conhecimentos, esclarecer dúvidas e construir coletivamente novos conhecimentos.

A partir do trabalho com as entrevistas, com a observação das atividades do CEJA, com o estudo do contexto histórico da EJA no Brasil e dos documentos referentes à EJA, pude construir as minhas percepções sobre esta modalidade de educação, fatos que me motivaram para a pesquisa e conclusões feitas ao final da pesquisa, montando um panorama da EJA dentro do meu campo de pesquisa. Estas considerações são apresentadas no capítulo seguinte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho, refleti sobre vários pontos que me chamaram a atenção durante o desenvolvimento da pesquisa e, principalmente, na realização das entrevistas em busca de histórias de vida. Apresento essas reflexões na forma de perguntas na intenção de provocar também uma reflexão por parte do leitor que acompanhou o traçar do panorama da EJA apresentado nessa pesquisa.

Como, nos dias de hoje, com tanta informação a respeito dos estudos, tantos jovens estão indo para a EJA e não para o ensino regular? A escola é responsável por essa troca? Ou são os jovens os culpados?

Também me chamou a atenção o fato de a figura do professor marcar a vida das pessoas, principalmente na infância. Percebe-se a complexidade do ser professor, do estar em sala de aula e o tamanho da responsabilidade que assumimos. Falando especificamente da EJA, do contexto da falta de material didático adequado para o ensino: como seria se eu tivesse que ministrar uma aula sem material para os alunos? Que argumentos ou quais saídas eu tomaria para ministrar uma boa aula? Como fica o ânimo e a autoestima do professor, tendo que trabalhar em um lugar onde não há os materiais necessários? Isso interfere na qualidade da aula?

E a Matemática? Qual é o papel da Matemática na EJA? Através das entrevistas, percebi que a Matemática, além de desenvolver o raciocínio lógico, também contribui para a formação de melhores cidadãos críticos na sociedade, pessoas capazes de discutir, argumentar, debater e desafiar.

Outro ponto que também me chamou a atenção, foi a relação entre o estudo e um bom emprego. De fato, quanto mais qualificação, melhor. Mas, onde está o prazer em aprender? Será que não estamos esquecendo de enfatizar a ideia do quanto é prazeroso estudar e aprender?

Percebi ainda que o incentivo ao estudo por parte da família é muito importante. É na família que inicialmente buscamos nos espelhar. Por outro lado, notamos como os problemas familiares interferem no meio escolar.

Proponho agora a você, caro leitor, a tarefa de refletir sobre algum ponto ou depoimento das histórias aqui contadas que lhe chamaram a atenção, que lhe fez pensar e refletir.

Boa reflexão!

REFERÊNCIAS

ABHO. Associação Brasileira de História Oral. **Apresentação**. Disponível em: http://www.historiaoral.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=24. Acesso em: 29 abr 2013.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral** 2ed. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2004, v.1. 235p.

ARROYO, M. Uma escola para jovens e adultos. **Conferência – Reflexão sobre a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da proposta de Reorganização e Reorientação curricular**, São Paulo, 2003.

BITTAR, Marisa e Mariluce. **História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade**. Universidade Estadual de Maringá, v.34, n.2, 157-168, 2012.

BRASIL. **Resolução N°74/2010/CEE/SC**. Disponível em <http://www.cee.sc.gov.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=37> Acesso em: 15 abr 2013.

BRASIL. **Proposta Curricular Nacional para Educação de Jovens e Adultos**, 2002. Disponível em < http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_livro_01.pdf > Acesso em: 30 mar 2013.

CEE. **Conselho Estadual de Educação do Estado de Santa Catarina**. Disponível em < <http://www.cee.sc.gov.br/>> Acesso em: 6 mar 2013.

CEJA. **Projeto Político Pedagógico**. 2012

DOMBROWSKI, Adriane Elisa. **Pró-Letramento, prática pedagógica nas aulas de Matemática: relatos de professoras de União da Vitória**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPR. Curitiba, 2012.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. 6.ed São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1999.

FIESC. Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. **Educação de Jovens e Adultos do SESI/SC será gratuita em 2010**. Disponível em < <http://www2.fiescnet.com.br/web/pt/noticias/show/tipoNoticia/2/id/8165/portaId/1>> Acesso em: 19 jan 2013.

FRIEDRICH, Márcia; BENITE, Anna Canavarro; BENITE, Claudio Machado; PEREIRA, Viviane Soares. **Trajatória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n67/a11v1867.pdf>>. Acesso em: 2 maio 2013.

GATTAZ, A.C. **Lapidando a fala bruta: a textualização em História Oral**. In: MEIHY, J.C.S.B. (org.). (Re)definindo a História Oral no Brasil. São Paulo, Ed. Xamã, 1996. p. 135-40

GOLDEMBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

HADDAD, Sérgio; Di Pierro, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, 2000, p.108-130.

LOPES, S.P. e SOUZA, L.S. **EJA: Uma educação possível ou mera utopia?** Disponível em < http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf > Acesso em: 3 mar 2013.

MEC. Ministério da Educação. **LDB 9.334/96, 1996**. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> > Acesso em: 23 fev 2013.

MEC. Ministério da Educação. **Declaração de Hamburgo 1997**. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ParteI.pdf> > Acesso em: 15 mar 2013.

MEC. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº11/2000**. Disponível em < http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf> Acesso em: 14 maio 2013.

MEC/UNESCO. **Educação de Jovens e Adultos: uma memória contemporânea 1996-2004**. Brasília, MEC//UNESCO, 2007. 185p.

MEIHY, José Carlos Sebe B. e RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. Contexto. São Paulo, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, Sept. 1993 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 mar 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300002>.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola 1973. v. 1. (Temas Brasileiros, 2).

PORCARO, Cristina. **A História da Educação de Jovens e Adultos em: Caderno pedagógico- pressupostos para formação inicial de alfabetizadores e coordenadores - alfabetização na diversidade - Brasil alfabetizado**. Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, Natal, 2012.

SESI. Serviço Social da Indústria. **Educação**. Disponível em <http://jet.sesisc.org.br/estilo_vida/educacao_jovens.php > Acesso em: 4 abr 2013.

SED/SC. Secretaria Estadual de Educação de Santa Catarina. Disponível em <<http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/noticias/4275-inscricoes-para-o-programa-santa-catarina-alfabetizada-vaio-ate-dia-19-de-fevereiro>> Acesso em: 8 abr 2013.

SOUZA, Luzia Aparecida de; MARTINS-SALANDIM, Maria Ednéia; GARNICA, Antonio Vicente Marafioti . **História Oral na Educação Matemática: possibilidades**. 2007 Disponível em:

<http://www.sbem.com.br/files/ix_enem/Minicurso/Trabalhos/MC29408629825T.doc>
Acesso em: 20 mar 2013.

UNESCO. Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Educação de Jovens e Adultos**: uma memória contemporânea. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001368/136859por.pdf>> Acesso em: 20 mar 2013.

VIANNA, Carlos Roberto. **Vidas e circunstâncias na educação Matemática**. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000. 572 p.

APÊNDICE A – Apresentação inicial

Carta de apresentação inicial que foi entregue a cada entrevistado antes de começar todo o procedimento.

Apresentação Inicial

A entrevista é parte de um trabalho de conclusão da graduação em Licenciatura em Matemática da UDESC cujo objetivo é construir fontes históricas a partir de narrativas de alunos e professores que estudam e lecionam na Educação de Jovens e Adultos utilizando a metodologia da História Oral de Vida. A história Oral de Vida é um tipo de narração sobre os aspectos continuados das experiências das pessoas. Como modelo condutivo da metodologia História Oral de Vida, iremos utilizar entrevistas abertas. Iremos gravar as entrevistas, de acordo com a metodologia utilizada. Feita essa primeira etapa, nosso próximo procedimento será dividido em quatro partes: transcrição, textualização, transcrição e a validação do que foi dito nas entrevistas. Destacamos que o entrevistado poderá, se achar necessário, retirar trechos da textualização antes da publicação. Terão acesso ao documento, assim como às entrevistas, o entrevistador e/ou alguma instituição que poderá utilizar o material para futuros estudos. Agradeço a colaboração dos entrevistados e da escola, por permitirem que este trabalho aconteça.

APÊNDICE B – Roteira da entrevista: professor

Roteiro da entrevista feita com o professor de Matemática. A entrevista foi aberta e estruturada com palavras-chave e frases curtas, possibilitando uma maior abertura para o entrevistado contar sobre seus pensamentos sobre determinada palavra.

ROTEIRO 1: Professor de Matemática

Palavras-chave:

- ✓ Escolha da profissão;
- ✓ Educação;
- ✓ Família;
- ✓ Atuação na Educação de Jovens e Adultos (EJA);
- ✓ Desafios da Educação de jovens e Adultos (EJA);
- ✓ Matemática;
- ✓ Futuro;

APÊNDICE C – Roteiro da entrevista: aluno

Roteiro da entrevista feita com os dois alunos do nono ano do Ensino Fundamental da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). A entrevista foi aberta e estruturada com palavras-chave e frases curtas, possibilitando uma maior abertura para o entrevistado contar sobre seus pensamentos sobre determinada palavra.

ROTEIRO 2: Alunos dos nono ano de Ensino Fundamental – Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Palavras-chave:

- ✓ Infância;
- ✓ Juventude;
- ✓ Idade Adulta;
- ✓ Escola;
- ✓ Dificuldades na Escola;
- ✓ Sucessos na Escola;
- ✓ Trabalho;
- ✓ Educação;
- ✓ Família;
- ✓ Matemática;
- ✓ Educação de Jovens e Adultos (EJA);
- ✓ Futuro;

APÊNDICE D – Carta de autorização:depoente 1

EU, Jilmar das Santos, Operador de fundição portador da cédula de identidade nº 2.36.5.6.5.9.0....., pelo presente termo, autorizo Cristiane Olska acadêmica do curso de Licenciatura em Matemática, pela Universidade do Estado de Santa Catarina, a publicar no seu trabalho de conclusão de curso, a entrevista realizada em 02/05/13, em conformidade com a legislação vigente, cedendo-lhe, a título gratuito e em caráter definitivo, os direitos de divulgação no referido trabalho exclusivamente para fins educacionais.

Por ser verdade, firmo o presente e dou fé.

06/06/2013
Jaraguá do Sul / data

Jilmar das Santos
Assinatura do Entrevistado

APÊNDICE E – Carta de autorização: depoente 2

EU, Ainton Liesenberg, Professor, portador da cédula de identidade nº 3.727.577, pelo presente termo, autorizo Cristiane Olska acadêmica do curso de Licenciatura em Matemática, pela Universidade do Estado de Santa Catarina, a publicar no seu trabalho de conclusão de curso, a entrevista realizada em 02/05/13, em conformidade com a legislação vigente, cedendo-lhe, a título gratuito e em caráter definitivo, os direitos de divulgação no referido trabalho exclusivamente para fins educacionais.

Por ser verdade, firmo o presente e dou fé.

Jaraguá do Sul / data 05 junho de 2013.

Ainton Liesenberg
Assinatura do Entrevistado

ANEXO A – LDB 9.394/96



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.

Vide Adin 3324-7, de 2005

Vide Decreto nº 3.860, de 2001

Vide Lei nº 12.061, de 2009

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Seção V

Da Educação de Jovens e Adultos

Art.37º. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º. O Poder Público viabilizará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Art.38º. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º. Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I – no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º. Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.